

O coração de um santo

A vida e os ensinamentos de Jñaneshwar Maharaj

por Swami Vasudevananda

Ao longo da história humana, Mestres espirituais vieram ao mundo para nos despertar para a luz da divindade em nosso próprio ser. Através de seus ensinamentos e seu exemplo, eles abrem nossos olhos para a presença de Deus em toda a criação e nos conduzem ao reconhecimento de que nós também podemos ser portadores de luz, que podemos compartilhar com esse mundo através de nosso modo de viver.

Jñaneshwar Maharaj, que viveu em Maharashtra, Índia, no século XIII, foi um desses seres.

Gurumayi Chidvilasananda disse sobre esta grande alma:

Jñaneshwar é como um sol radiante explodindo com alegria e inspiração, que deseja apenas criar mais sóis.¹

Estas palavras estão nas bênçãos de Gurumayi no início da versão de Swami Kripananda do grande comentário de Jñaneshwar sobre a *Bhagavad Gita*.

O nome Jñaneshwar significa Senhor do Conhecimento. Apesar de ter vivido pouco mais de duas décadas apenas, Jñaneshwar escreveu o que é considerado um dos mais significativos comentários da Índia – o *Jñaneshwari* – assim como dois outros trabalhos importantes, o *Amritanubhava* (versos sobre o sabor divino do caminho espiritual) e *Changdev Pasashti* (65 versos que se diz transmitem a essência da filosofia Advaita Vedanta). Ao fazer isso, ele estabeleceu marathi

como uma língua filosófica e literária respeitável. Antes disso, somente sânscrito era usado pelos eruditos e os brâmanes de Maharashtra.

Jñaneshwar desempenhou um papel importante na criação da onda de adoração devocional que se espalhou por todo o estado de Maharashtra. Junto com outro jovem santo poeta, Namdev, ele foi essencial para estabelecer a tradição Varkari, uma parte do movimento Bhakti, na Índia central. Os Varkaris, adoradores do Senhor Vishnu, vivem com o entendimento de que Deus está em toda parte e que todos, não importa de qual casta ou status, são dignos do mais elevado respeito. Até hoje, dezenas de milhares de Varkaris continuam a praticar o que Jñaneshwar estabeleceu, fazendo peregrinações anuais à cidade de Pandharpur, onde honram o Senhor Vishnu em sua forma de Vitthal – uma manifestação espontânea do Senhor como uma murti, uma estátua sagrada vivificada.

Além disso, o santo Jñaneshwar era um poeta. Na cadenciada métrica *ovi*, que ele mesmo criou, Jñaneshwar compôs centenas de *abhangas*, canções devocionais marathi – canções que transmitiam o conhecimento espiritual mais elevado em ritmos sincopados alegres, com melodias cativantes, em linguagem popular. Eram canções que até as pessoas sem instrução de Maharashtra poderiam se lembrar e cantar conforme trabalhavam ou caminhavam pela estrada.

A beleza e sabedoria das canções de Jñaneshwar e seus ensinamentos escritos serviram durante séculos como inspiração para outros grandes Mestres espirituais como Eknath Maharaj e Tukaram Maharaj. Mais recentemente, Gurumayi e Baba Muktananda frequentemente tem cantado seus *abhangas* e citado suas palavras em suas palestras e textos.

A história da breve vida de Jñaneshwar, rica em atos milagrosos de compaixão, retrata a natureza de um grande ser que inspirou gerações de buscadores.

O início da vida de Jñaneshwar

O pai de Jñaneshwar era um jovem *brâmane* fervoroso chamado Vitthalpant que viveu no vilarejo de Apegaon, perto de Alandi. Apesar de seu anseio de fazer os votos da *sannyasa* e tornar-se swami, ele foi aconselhado a antes viver uma vida de chefe de família e constituir um lar. Então casou-se com uma jovem mulher virtuosa, Rakhumabai, que era filha de um oficial na cidade de Alandi. Os anos se passaram e Rakhumabai não tinha filhos. Finalmente Vitthalpant, sentido que tinha traído seu anseio original, recebeu a permissão de sua esposa para deixá-la e tornar-se *sannyasin*.

Ele foi para Benares, no Norte, onde recebeu a iniciação *sannyasin* de um Guru chamado Ramananda. Durante os vários anos em que viveu no ashram de seu Guru, Vitthalpant nunca informou seu mestre que havia abandonado sua esposa. Quando Ramananda descobriu a verdade, ordenou a Vitthalpant que tirasse suas vestes laranja, voltasse para sua esposa e constituísse uma família.

Então Vitthalpant voltou para Rakhumabai, que o acolheu. Desta vez tiveram filhos. O primeiro era um menino, Nivritti. Três anos depois, nasceu o segundo filho, Jñaneshwar. Em seguida veio outro menino, Sopan, e finalmente uma menina, Muktabai. Quatro filhos lindos.

Os *brâmanes* ortodoxos da comunidade, no entanto, ficaram escandalizados com o fato de que, alguém que tinha feito os votos de monge, tivesse retornado à vida de chefe de família. Eles declararam que os filhos que Vitthalpant gerou não eram legítimos e que sua família não era legítima. Os *brâmanes* de Alandi tratavam os seis com desdém. Quando chegou a hora de Nivritti receber o cordão sagrado na cerimônia que marca o início da vida religiosa para os meninos hindus da casta *brâmane*, o sacerdote líder disse a ele:

— Este não é um *brâmane*. É filho de um *sannyasin*.

Assim a família de Vitthalpant era considerada pária – não pertencia à ordem estabelecida. Os filhos sofreram muitas privações, às vezes ficando sem comida. Entretanto, eram ricos em sabedoria. Seu pai lhes ensinou o idioma sânscrito, os mantras sagrados e as escrituras que ele mesmo tinha estudado.

Como se viu mais tarde, cada filho de Vitthalpant veio a este mundo destinado a tornar-se um ser iluminado.

Jñaneshwar, em seu comentário sobre a *Bhagavad Gita*, escreve sobre como tais crianças nasceram. No capítulo sexto de *Jñaneshwari*, o Senhor Krishna explica ao guerreiro Arjuna que se um yogue que se empenha para alcançar a iluminação, não o consegue nesta encarnação, o esforço que fez não se perde. Com o tempo, ele renasce numa família virtuosa e recupera o conhecimento que alcançou em sua vida anterior. Krishna acrescenta:

Embora sua forma externa possa parecer pequena, a alvorada do conhecimento do Ser aparece nele, assim como a luz antecede o nascer do sol. ²

Isso explica por que Jñaneshwar e também seus irmãos manifestaram luz e sabedoria numa idade tão precoce. Cada um tinha sido um *sadhaka*, um buscador espiritual, numa vida anterior e tinha vindo ao mundo trazendo sua realização do passado.

Quando Nivritti, o irmão mais velho de Jñaneshwar, era um adolescente, recebeu a iniciação espiritual de um Guru chamado Gahininath e o nome de Nivrittinath. Os Gurus da tradição Nath, cuja linhagem tem origem no Shiva primordial, eram familiarizados com o poder interior sagrado, Kundalini Shakti, e realizavam práticas yóguicas para despertar a Kundalini adormecida.

Num espaço de tempo muito curto, Nivrittinath recuperou o conhecimento que havia trazido consigo, de nascimentos anteriores, tornando-se plenamente

iluminado. Então, ele mesmo teve a capacidade de despertar o poder interior de Jñaneshwar, e também de Sopan e Muktabai, e serviu como Guru de seus irmãos.

Durante essa época, entretanto, seus pais morreram e as dificuldades físicas dos irmãos se intensificaram. Quando eles se viraram aos brâmanes de sua comunidade em busca de amparo, foram aconselhados a irem antes ao Conselho de Anciãos da cidade de Paithan, para buscar a confirmação de que haviam se purificado do pecado de seus pais. Os jovens viajaram a Paithan a pé, uma distância de mais de cento e quarenta quilômetros, e lá chegando impressionaram tanto os brâmanes com sua sabedoria espiritual que o certificado de pureza foi concedido.

Em sua jornada de volta para casa, quando passaram pela cidade de Nevasa, decidiram ali permanecer. Foi lá que Nivrittinath deu o comando a Jñaneshwar para traduzir os versos da *Bhagavad Gita* para o marathi e escrever um comentário que pudesse ser compreendido pelas pessoas não versadas nas escrituras.

Era o ano de 1290; Jñaneshwar tinha quinze anos de idade. Sem hesitar ele iniciou sua grande obra, recitando os versos rítmicos em voz alta, enquanto um homem chamado Sacchidananda Baba serviu como seu escrivão.

O que é verdadeiramente notável, além do fato de Jñaneshwar ter encarado o desafio, é a maneira como ele o fez.

O estilo de redação de Jñaneshwar

Jñaneshwar demonstra um deleite evidente ao disponibilizar para o povo de Maharashtra os ensinamentos sagrados que até então eles tinham sido incapazes de ouvir em seu próprio idioma – e o fez com uma exuberância jovial. Ele escreveu:

Meu idioma é o marathi, mas eu vou compor este trabalho com palavras e estilo tão belos que irá facilmente superar o néctar. ³

Como o jovem santo poeta fez isso? Ele mesmo explica:

O que não se consegue realizar quando temos a graça do Guru? Jñanadeva diz, isto eu tenho em abundância. Na força desta graça eu falarei. Com palavras darei forma ao sem forma e farei com que os sentidos experienciem o que está além de seu poder de conhecer. ⁴

De fato, o domínio de Jñaneshwar da língua marathi era tão grandioso que acadêmicos eruditos dificilmente conseguem conter seu entusiasmo ao descrevê-lo. Por exemplo, W. B. Patwardhan, ao mencionar o estilo com que Jñaneshwar escreveu os versos de seu *Jñaneshwari*, ficou ele próprio inspirado a fazer o mesmo com eloquência e admiração arrebatadoras.

O *Jñaneshwari*, do ponto de vista literário, é tão primoroso, tão belo, tão poético em suas metáforas e comparações, alegorias e analogias, um estilo tão perspicaz e lícido, tão rico nas alegorias, tão encantador em seu imaginário, tão elevado em seus arroubos, tão sublime na tonalidade, tão melodioso no som das palavras, tão original em seus conceitos, tão puro em sabor... que o leitor fica, simplesmente, fascinado, flutua arrebatado nas ondas do seu fluxo, se perde na cadência de seu ritmo e de suas doces harmonias, até que tudo seja gratidão e os pensamentos cessem. ⁵

No entanto, mesmo enquanto acalmava a mente, Jñaneshwar poderia levar o leitor - ou o ouvinte, como era o caso na sua época - a alcançar o estado de suprema liberdade e alegria, a partir do qual o próprio santo poeta estava falando. Vejamos como Jñaneshwar invoca esse estado no capítulo 13 de seu comentário grandioso:

Agora, continuarei a história da conversa entre Krishna e Arjuna em marathi, na métrica ovi.

Contarei esta história com o sentimento da tranquilidade, que é mais belo do que o sentimento do amor.

Contarei esta história na linda língua marathi e será um adorno para a literatura, pois é mais doce do que néctar.

Em seu frescor, irá se rivalizar com a lua e a beleza desse sentimento irá até mesmo superar a relevância divina.

Ao ouvi-la, ondas de pureza surgirão até mesmo no coração de um espírito do mau e uma pessoa boa experimentará a alegria da meditação profunda.

Sua eloquência irá jorrar e encher o mundo inteiro com o significado de Canção e erguer um dossel de alegria por sobre o universo inteiro.

Removerá qualquer falta de discernimento, a vivacidade do ouvido e da mente serão renovados e quem quer que o deseje, descobrirá uma mina de conhecimento do Ser.

Os olhos terão a visão da Verdade mais elevada, o festival da alegria irá amanhecer e o mundo entrará na abundância do conhecimento do Absoluto.

Pelo fato do meu sagrado Guru Nivritti me apoiar, tudo isso acontecerá agora e eu vou falar com clareza.⁶

Imagine como deve ter sido para o povo de Maharashtra ouvir sua própria língua falada com tanta habilidade, fervor, destreza e liberdade! E aprender ensinamentos sagrados desta maneira!

Os ensinamentos do Jñaneshwari

Além da própria língua, Jñaneshwar seguiu fielmente o comando de seu Guru para tornar a sabedoria da *Bhagavad Gita* acessível às pessoas comuns, apresentando os ensinamentos sagrados em uma terminologia que nós pudéssemos entender à luz de nossa própria vida cotidiana. Por exemplo, veja como Jñaneshwar nos ensina a reconhecer o tipo de pessoa que realmente incorpora conhecimento genuíno:

Quando esse conhecimento surge no corpo, os olhos podem percebê-lo, pois o mesmo se expressa através das atividades dos órgãos dos sentidos.

Sua presença pode ser reconhecida da mesma forma como a chegada da primavera é perceptível pelo frescor das árvores.

Quando as raízes de uma árvore são regadas com água, seu efeito é revelado pelo surgimento de folhas nos galhos.

A macieza da terra é comprovada pelos brotos tenros das plantas. O comportamento nobre de uma pessoa é evidência de uma boa criação.

A natureza gentil de uma pessoa é expressa em sua hospitalidade; e quando a simples visão de uma pessoa traz conforto, sabemos que ela é boa.⁷

Perceba como Jñaneshwar fala sobre as pessoas sábias em termos de como vivem, como interagem com os outros, como nos sentimos quando as vemos. Não há referência ao aprendizado acadêmico. Jñaneshwar está descrevendo o tipo de pessoa que Baba Muktananda costumava chamar de “um verdadeiro ser humano”.⁸

Agora, observe como Jñaneshwar acalma o coração de seus leitores e ouvintes através da sabedoria que o Senhor Krishna transmite a Arjuna sobre o tema da morte:

Aqueles que experimentaram união Comigo e que se uniram a Mim em seus corações, Me adoram e se tornam um Comigo.

Se for necessário para essas pessoas que se lembrem de Mim no momento de sua morte e que Eu venha até elas, qual será o valor de sua devoção a Mim?

Se um pobre homem, angustiado, com tristeza Me pedisse que Eu fosse em seu auxílio, não Me apressaria em acudi-lo na sua dificuldade?

Se Meus devotos estivessem nessa mesma situação, quem sentiria anseio por devoção? Assim, de maneira alguma, você não deveria ter essa dúvida.

Ó Arjuna, eu não suportaria pensar que deveria Me lembrar de ir a eles sempre que eles se voltassem para Mim.

Conhecedor de Minha dívida com eles, reembolso isso sendo o servo de Meus devotos na hora de sua morte.

Para que Meus amados devotos não sintam esse sopro do enfraquecimento do corpo, Eu os coloco na proteção da realização do Ser.

Além disso, cubro esta proteção com a sombra fresca da Minha lembrança e, assim, trago-lhes firmeza de espírito.

Portanto, a angústia da morte nunca afeta o Meu povo, e, alegremente, Eu os trago para Mim. ⁹

Pense no grande alívio que a lembrança dessa garantia compassiva pode trazer para uma pessoa que enfrenta a morte. Imagine também o conforto que as palavras de Jñaneshwar podem trazer para aqueles que amam essa pessoa. São palavras vindas do coração de um grande ser - alguém que caminha por este mundo concedendo a bênção do destemor.

Samadhi de Jñaneshwar

Aos 21 anos de idade, depois de viajar com o santo Namdev para Pandharpur e lá realizar um ritual sagrado, Jñaneshwar comunicou ao seu amigo que havia completado o que havia vindo aqui fazer e por isso, desejava deixar este mundo. Jñaneshwar disse que havia recebido permissão de Nivrittinath para entrar em estado permanente de *samadhi*, uma imersão viva na Consciência suprema.

Juntamente com os irmãos e a irmã de Jñaneshwar, Namdev acompanhou o santo de volta ao seu lar original, em Alandi. Lá, depois de cantar o nome de Deus durante toda a noite, Jñaneshwar entrou no túmulo que havia sido preparado para ele, sentou-se em meditação e entrou no estado de *samadhi*.

Seu túmulo em Alandi continua sendo um dos lugares de peregrinação mais visitados na Índia. Tanto Gurumayi como Baba visitaram Alandi com frequência, levando com eles grupos de estudantes de Siddha Yoga. A maioria das pessoas acredita que Jñaneshwar ainda está sentado lá, em meditação e muitos visitantes que vão ao seu santuário de *samadhi* atestam que sentiram sua presença viva.

Uma coisa é certa. Jñaneshwar continuará a conceder suas bênçãos àqueles que vivem neste mundo. Suas palavras compassivas e ensinamentos iluminados para sempre guiarão e elevarão aqueles que os abraçam e os colocam em prática.

O coração de um grande ser continuamente deseja o bem-estar deste mundo e dos seres que o habitam. Jñaneshwar Maharaj, ao término de seu *Jñaneshwari*, abençoa o mundo com sua oração, o *Pasayadan*, dizendo:

Que o Ser do universo fique satisfeito com este sacrifício de palavras e me conceda sua graça.

Que os pecadores não mais cometam más ações, que cresça o desejo deles de fazer o bem, e que todos os seres vivam em harmonia uns com os outros.

Que a escuridão do pecado desapareça, que o mundo veja o nascer do sol da retidão e que os desejos de todas as criaturas sejam satisfeitos.

Que todos mantenham a companhia de santos devotados a Deus, pois estes verterão suas bênçãos sobre eles.

Santos são como jardins caminhantes cheios de árvores outorgadoras de desejos e são como vilarejos de joias vivas outorgadoras dos desejos. Suas palavras são como oceanos de néctar.

Eles são luas sem manchas e sóis sem calor. Que esses santos sejam amigos de todas as pessoas.

Que todos os seres, em todos os mundos, sejam plenos de alegria e adorem Deus para sempre.

Que aqueles, a quem este livro, *Jñaneshwari*, representa a própria vida, sejam abençoados com sucesso neste mundo e no próximo.

Então Nivrittinath, o Mestre grandioso, disse: esta bênção será concedida. Com isso trouxe grande alegria a *Jñaneshwar*.¹⁰

Com suas palavras sinceras e seus ensinamentos abundantes, de mais de sete séculos atrás, *Jñaneshwar* incentivou, inspirou e elevou os buscadores espirituais em todo o mundo e continuará a fazê-lo.

¹ Gurumayi Chidvilasananda em "Blessing," em Swami Kripananda (ed), *Jñaneshwar's Gita: A Rendering of the Jñaneshwari* (South Fallsburg, NY: SYDA Foundation, 1999).

² *Jñaneshwari* 6:450; *Jñaneshwari's Gita*, p.85

³ *Jñaneshwari* 6:14; *Jñaneshwar's Gita*, p.66.

⁴ *Jñaneshwari* 6:35 – 36; *Jñaneshwar's Gita*, p. 68.

⁵ R. D. Ranade, *Mysticism in Maharashtra: The Poet-Saints of Maharashtra* (Albany, NY: SUNY Press, 1983) pp. 36 – 37.

⁶ *Jñaneshwari* 13:1149 – 57; *Jñaneshwar's Gita*, pp. 219 – 20.

⁷ *Jñaneshwari* 13:176 – 81; *Jñaneshwar's Gita*, p. 190.

⁸ Baba Muktananda sempre usa essa frase para descrever as pessoas virtuosas. A seguir uma fonte: Swami Muktananda, *Mukteshwari*, 2ª ed. (South Fallsburg, NY: SYDA Foundation, 1995) v.262 p.81.

⁹ *Jñaneshwari* 8:124 – 32; *Jñaneshwar's Gita*, p.103.

¹⁰ *Jñaneshwari* 18:1772-1780.



© 2019 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.